

ESPESSURA DOS RAMOS PLAGIOTRÓPICOS E A PRODUTIVIDADE DO CAFEIEIRO

SANTINATO, R. Engenheiro Agrônomo, Pesquisador e Consultor Santinato & Santinato Cafés Ltda., Campinas, SP; SANTINATO, F. Engenheiro Agrônomo, Msc. Doutorando Agronomia UNESP Jaboticabal, SP.; FERREIRA, R.T. Engenheiro Agrônomo, SEBRAE/EDUCAMPO/CAPAL, Araxá, MG; TAVARES, L.A. Gerente Campo Experimental CAPAL, Araxá, MG.; LIMA, D.G. Assistente Campo Experimental CAPAL, Araxá, MG.;

É regra geral quando se avalia a produtividade de uma lavoura observar o aspecto vegetativo como um todo com níveis diferenciados de enfolhamento sem observar se os ramos plagiotrópicos (laterais) apresentam vigor elevado refletido na espessura dos mesmos em diferentes terços do cafeeiro. Este tipo de avaliação na maioria das vezes resulta sempre em produtividade menor quando os ramos apresentam espessura fina, onde os botões florais resultarão em menores frutos por roseta em relação à ramos grossos.

No presente trabalho procurou-se avaliar este aspecto de ramos grossos e finos comparativamente na mesma planta para tentar quantificar a produtividade de forma mais acertada, ou seja, que sirva de subsídios a quem proceder avaliação de safra de qualquer lavoura em qualquer região.

O experimento foi realizado no Campo Experimental da CAPAL, em Araxá, MG. Para tanto escolheu-se um talhão de café da Cultivar Catuaí Vermelho IAC 144, no espaçamento 4,0 x 0,5 m, solo LVA, à 800 m de altitude e 3% de declividade. Os tratamentos estudados foram: Ramo grosso no sol nascente (T1); Ramo grosso do sol poente (T2); Média do ramo grosso (T3); Ramo fino sol nascente (T4); Ramo fino sol poente (T5) e Média do ramo fino (T6). Os tratamentos foram delineados em blocos ao acaso, com seis repetições, em parcelas de 18 plantas sendo úteis as quatro centrais de boa uniformidade vegetativa. Na condução marcou-se quatro ramos de cada lado da linha do cafeeiro, em cada planta avaliada (4), na altura do terço médio.

As avaliações constaram do comprimento dos ramos total, comprimento da parte produtiva do ramo (formada na safra anterior), comprimento da parte sem produção, número de internódios totais, número de internódios com frutos; número de internódios sem frutos, número de frutos no ramo produtivo, número de frutos no meio do ramo, volume dos frutos, peso verde dos frutos, espessura dos ramos novos (3^o e 4^a pares, ou seja ramos que serão a capacidade produtiva da safra seguinte, de 2016) e espessura dos ramos velhos (10 a 14^a pares, ou seja ramos desta safra). Os dados foram submetidos à ANOVA, e quando procedente ao teste de Tukey à 5% de probabilidade.

Resultados e conclusões:

Os ramos grossos, tanto no lado poente quanto no lado nascente são maiores, em comprimento, que os ramos finos. Não houve diferença em comprimento entre os ramos grossos do lado nascente e poente. No entanto para os ramos finos, o lado do sol nascente obteve maior comprimento. Na parte produtiva, os ramos grossos obtiveram maior comprimento, sem diferença entre lado nascente e poente. Nos ramos finos também não houveram diferenças entre faces de exposição solar (Tabela 1).

Tabela 1. Comprimento do ramo total, da parte produtiva, e da parte sem produção, em função dos tratamentos estudados.

Tratamento	Comprimento do ramo (cm)		
	Total	Parte produtiva	Parte sem produção
Ramo grosso nascente	69,5 d	58,5 b	14,0 a
Ramo grosso poente	67,3 cd	53,7 b	13,6 a
Média do ramo grosso	68,4 cd	54,6 b	13,8 a
Ramo fino nascente	52,8 bc	34,8 a	18,0 a
Ramo fino poente	37,6 a	25,5 a	12,1 a
Média do ramo fino	45,4 ab	30,2 a	15,1 a
CV (%)	14,96	15,66	29,77

*Médias seguidas das mesmas letras não diferem de si pelo teste de Tukey à 5% de probabilidade.

Os ramos grossos obtiveram maior número de internódios de forma geral, e número de internódios com presença de frutos, na média com 7,4 nós a mais, que os ramos finos (Tabela 2).

Tabela 2. Número de internódios total, da parte com fruto e da parte sem fruto, em função dos tratamentos estudados.

Tratamento	Número de internódios		
	Total	Com fruto	Sem fruto
Ramo grosso nascente	24,0 b	16,3 b	7,7 a
Ramo grosso poente	23,3 b	15,5 b	8,3 a
Média do ramo grosso	23,7 b	15,7 b	8,0 a
Ramo fino nascente	18,1 a	9,5 a	8,7 a
Ramo fino poente	13,2 a	7,2 a	6,0 a
Média do ramo fino	15,7 a	8,3 a	7,3 a
CV (%)	14,7	19,37	22,9

*Médias seguidas das mesmas letras não diferem de si pelo teste de Tukey à 5% de probabilidade.

Houve correlação positiva entre o número de nós e o número de frutos (capacidade produtiva) (Tabelas 2 e 3). Fato confirmado pela maior quantidade de frutos nos ramos e em cada nó nos ramos grossos. O maior

comprimento, dado nos ramos do lado do sol nascente (Tabela 1) também refletiu no maior número de frutos no ramo e em cada nó (Tabela 3).

Tabela 3. Número de frutos no ramo e em cada nó em função dos tratamentos estudados.

Tratamento	Número de frutos	
	No ramo	Em cada nó
Ramo grosso nascente	88,0 c	5,42 b
Ramo grosso poente	63,3 b	4,45 ab
Média do ramo grosso	75,7 bc	4,82 ab
Ramo fino nascente	30,7 a	3,03 ab
Ramo fino poente	19,3 a	2,93 a
Média do ramo fino	25,0 a	2,97 a
CV (%)	27,9	35,3

*Médias seguidas das mesmas letras não diferem de si pelo teste de Tukey à 5% de probabilidade.

Pode-se concluir que:

1 – Os ramos grossos tem maior comprimento e número de nós que os ramos finos (capacidade produtiva), e isto é correlacionável com as maiores produtividades obtidas por este tipo de ramo.

2 – Ramos do sol nascente, quando grossos, apresentam maior comprimento e produtividade.